

Esboço exegético de Atos 9, 1-19a

Martin Weingaertner,
pastor em Alfredo Wagner, SC

Apresentado na conferência pastoral do Distrito Eclesiástico
de Florianópolis em 6 de junho de 1975

1. O texto (1)

- 1 Saulo, ainda cheio de ameaças mortíferas contra os discípulos
- 2 do Senhor, dirigiu-se ao sumo-sacerdote e solicitou-lhe cartas
para as sinagogas de Damasco, autorizando-o a conduzir presos
para Jerusalém os que acaso encontrasse pertencendo ao
Caminho, fossem eles homens ou mulheres.
- 3 Durante a viagem, quando já se aproximava de Damasco, luz
- 4 do céu envolveu-o de repente. Caindo ao chão, ouviu uma voz
que lhe dizia: 'Saulo, Saulo, porque me persegues?' Ele per-
guntou: 'Quem és tu, Senhor?' Este respondeu: 'Eu sou Jesus,
6 a quem persegues. Mas levanta-te e entra na cidade. Lá sabe-
rás o que deverás fazer.'
- 7 Os homens que o acompanhavam ficaram sem fala; ouviam a
- 8 voz, mas não viram ninguém. Então Saulo levantou-se do
chão e, mesmo de olhos abertos, nada enxergava. E, condu-
zindo-o pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. Lá ele ficou
9 por três dias, sem enxergar e sem comer nem beber coisa al-
guma.
- 10 Ora, havia em Damasco um discípulo chamado Ananias.
O Senhor disse-lhe numa visão: 'Ananias!' Este respondeu:
- 11 'Aqui estou, Senhor!' Continuou o Senhor: 'Levanta-te, vai
à rua chamada Direita e procura na casa de Judas um tal
- 12 de Saulo, natural de Tarso. Pois, eis que ele está orando,
e, numa visão, viu um homem chamado Ananias entrar e
- 13 impor-lhe as mãos para que recuperasse a vista.' Respon-
deu-lhe Ananias: 'Senhor, a respeito desse homem já ouvi
muitas pessoas dizerem quanto mal fez a teus santos em
- 14 Jerusalém. E está aqui com plenos poderes dos sumos-sacer-
dotes para meter no cárcere todos os que invocam o teu no-
me.' Mas o Senhor insistiu com ele: 'Vai, pois aquele ho-
15 mem é para mim um instrumento escolhido que levará o
meu nome perante os povos, os reis e os filhos de Israel.

(1) A versão procura ser fiel ao original grego e, simultaneamente, apta para um eventual aproveitamento litúrgico. Cf. também o NT da Editora Herder (São Paulo, 1970).

16. Pois hei de mostrar-lhe o quanto deverá sofrer por causa de meu nome.'
17. Ananias foi, entrou na casa e impôs as mãos sobre ele dizendo: 'Saulo, irmão, foi o Senhor que me enviou — esse Jesus que te apareceu durante a viagem para cá — a fim de recuperares a vista e receberes a plenitude do Espírito Santo.'
18. No mesmo instante — foi como se caissem escamas dos seus olhos — Saulo recobrou a visão, levantou-se e recebeu o batismo. Em seguida, tomou alimento e criou novas forças.

2. Análise do texto

2.1. Enfoque da perspectiva do contexto

Observando a perícopes At 9, 1-19a no panorama do livro todo, podemos depreender a importância que Lucas, o autor, lhe atribuía, pois além de repetir sua temática por duas vezes ainda nos capítulos 22, 4-16 e 26, 9-18, também a localização do texto é significativa. Juntamente com os relatos sobre Filipe e Estevão, Lucas o intercalou na narração continuada sobre o apóstolo Pedro (2). Assim o autor abre o caminho para desenvolver sua intenção prioritária, a missão entre os povos, apresentando simultaneamente o personagem protagonista desta missão. Visto da perspectiva dos capítulos 13 a 28 que desdobram a missão de Paulo, a perícopes realmente pode ser intitulada 'A conversão de Saulo'.

E neste enfoque a perícopes At 9, 1-19a costuma ser interpretada como relato do início das atividades do missionário Paulo. Em decorrência disto as implicações históricas do texto geralmente são tratadas em primeiro plano na sua interpretação.

Não quero duvidar que no panorama do livro de Atos o presente texto indique nesta direção e tenha a intenção mencionada, mas isto não impede que o texto isolado possa ter uma função distinta daquela que o contexto lhe confere. Para ilustrar isto quero dar um exemplo: Uma frota de navios observada à distância navega num rumo determinado. Enfocando-se, no entanto, apenas uma destas embarcações, é perfeitamente possível que em seus conveses observemos movimentos, cuja direção diverge do rumo de navegação, sem, porém, contrariá-lo! Semelhantemente o rumo do nosso texto em seu contexto, não impede que num enfoque detalhado descubramos nele intenções de rumo distinto do primeiro.

2.2. Enfoque detalhado

At 9, 1-19a é uma narrativa dramática e cativante. Seus elementos encaixam um noutro qual uma engrenagem e todos os detalhes estão em função do fluxo da narração. E não é exagero afirmarmos que encontramos aqui uma das mais magistrais narrações do Novo Testamento que perfeitamente nos permite colocar o seu autor — seja ele o próprio Lucas ou um cristão incógnito, elo da

(2) Cf. Gustav Stählin, *Die Apostelgeschichte*, NTD 5 (Göttingen 1968), pág. 132.

tradição que Lucas aproveitou — ao lado dos grandes narradores veterotestamentários.

A estruturação do texto é óbvia: Compõe-se de duas cenas distintas (vs. 1-9 e 10-19a), mas inseparáveis por se condicionarem mutuamente. Ambas as cenas, por sua vez, giram em torno duma visão-audição (vs. 3-6 e 10b-16), sendo antecedidas pela apresentação da pessoa envolvida pela audição e sucedidas pela concretização da audição. A vinculação de ambas as cenas é íntima e pode ser verificada nos seguintes aspectos: 1. A primeira cena culmina na cegueira de Saulo, que por sua vez é o pretexto impulsionador da segunda cena. 2. A primeira cena deixa aberta a pergunta pelo futuro de Saulo que é respondida apenas na segunda cena. 3. Estreitamente vinculado à pergunta pelo futuro está também o fato de que Saulo se abstém de qualquer alimento no desfecho da primeira cena e somente torna a comer ao final da segunda. 4. Por fim existe uma estreita vinculação entre Saulo e Ananias que, através de visões são informados um do outro (3). Uma interpretação adequada deverá, portanto, considerar as duas cenas relacionadas e seu escopo deveria refletir este relacionamento.

Quanto à forma do texto atentemos ainda para o seguinte fato: Uma simples observação estatística chama a nossa atenção para a distribuição quantitativa do texto entre as duas cenas: A primeira abrange cerca de 40% do texto, enquanto que a segunda pertencem cerca de 60%. Nós podemos precisar esta constatação ainda mais, se notarmos que esta distribuição desproporcional do texto é motivada primordialmente pelo tamanho diverso das duas audições. Enquanto que a primeira se restringe a um diálogo brevíssimo, a segunda é uma discussão bem prolongada. Lembremos disto, quando depois procurarmos definir a intenção da perícope.

2.2.1. Paráfrase do texto

Primeira cena

Vs. 1-2: Saulo é apresentado como perseguidor fervoroso, interessado em expandir a perseguição dos cristãos para bem além dos limites de Jerusalém. A informação de que Paulo fora perseguidor da comunidade cristã tem procedência. Ele mesmo a confirma em 1 Co 15, 9; Gl 1, 23 e Fl 3, 6a. O que não mais transparece no texto de Lucas é o motivo do seu empenho na perseguição dos cristãos: a rejeição destes da Lei como o Caminho. A motivação no presente texto parece bastante emocional.

Também a suposição que o sinédrio de Jerusalém tivesse poderes para aprisionar cristãos na capital provincial de Damasco não parece espelhar a realidade histórica. São dois os argumentos contra a historicidade desta informação: 1. O sinédrio provavelmente não possuía autoridade religiosa sobre o judaísmo da diá-

(3) Por isto a subdivisão do texto na versão de Almeida não é adequada e desorienta o leitor.

pora (4), quanto menos disporia de autoridade policial desta entregadura que, aliás, também é inconcebível dentro da estrutura do Império Romano de então. 2. Gl 1, 18-24 parece sugerir que Paulo nunca tivesse residido em Jerusalém. Certo é que ele era pessoalmente desconhecido às comunidades cristãs da Judéia e por isto dificilmente pode ser relacionado com a primeira perseguição em Jerusalém.

Disto deduzimos que estes versículos não visam informar-nos sobre o contexto histórico da conversão de Paulo. Suas informações parecem-me refletir antes a situação histórica do narrador: Perseguições (5) violentas e de grandes perigos para a vida dos cristãos, motivadas por ódio, que se alastravam de uma província a outra parecem ser conhecidas aos ouvintes, de modo que o narrador, com poucas palavras, projeta Paulo para dentro do contexto vivencial da comunidade. O ser cristão é descrito no vs. 2 como 'ser do Caminho'. Isto nos lembra de Jo 14, 6, onde Jesus se designa de 'o Caminho'. Aparentemente os que seguiram este 'Caminho' não tardaram a ser chamados de 'os do Caminho'.

Vs. 3-6: Próximo a Damasco Saulo é envolto por luz do alto. No livro de Atos esta é característica de intervenção divina (6). Lançado ao chão pelo impacto da luz, Saulo ouve a voz que trava com ele um breve diálogo. Neste o ressurreto identifica-se com a comunidade perseguida. Assim a perseguição transcende os limites da comunidade e adquire dimensões cósmicas (7). Desta maneira também a culpa do perseguidor é potencializada: ele tornou-se culpado não apenas perante os servos, mas sim também diante do Senhor destes.

A pergunta pelo porquê da perseguição não tem resposta justificativa, nem poderia tê-la! Saulo deixa de justificar-se, reconhecendo, em vez disto, o senhorio de seu interlocutor. Este dá-se a conhecer e, a seguir, dá-lhe a ordem de entrar em Damasco, deixando, no entanto, aberta a pergunta pelo futuro de Saulo. Aparentemente o caminho de Saulo não muda de rumo: ele continua indo a Damasco. A diferença dos dois caminhos, porém, consiste justamente no fato que antes o futuro estava determinado pelo próprio homem, enquanto que agora ele está aberto para ser determinado por Deus.

A ordem de Jesus a Saulo pressupõe que este lhe havia perdoado os pecados. Verdade é que isto não está dito expressamente. Mas, identificando-se ao seu adversário, o ressurreto dá-se a si

(4) Cf. Günther Bornkamm, *Paulus* (Stuttgart, 1969), pág. 38ss. e Hans Conzelmann, *Die Apostelgeschichte*, HNT 7 (Göttingen, 1963), pág. 58.

(5) As perseguições aqui conjeturadas não devem ser confundidas com perseguições meramente locais que marcavam a situação dos cristãos nas primeiras décadas, porque o texto não deixa dúvidas de que os perseguidores ultrapassavam as fronteiras provinciais com autorização superior. Isto dificilmente aconteceria sem o consentimento dos romanos. Estes, ao menos, estavam interessados a ponto de dar plenos poderes a um indivíduo interessado e mal emocionado (cf. descrição de Saulo no vs. 1) para perseguir os cristãos que encontrasse. Aparentemente estes perseguidores faziam isto repetidas vezes, visto que Ananias está informado a respeito de sua fama. Talvez defrontamo-nos aqui com referências aos primórdios das perseguições estatais sob Domiciano (81-96 p. C.). Justamente neste período provavelmente foi redigido o livro de Atos (cf. Werner Georg Kümmel, *Einleitung in das NT*, 16.^a ed., 1969).

(6) Cf. At 2, 3 e 12, 7.

(7) Cf. argumentação semelhante em Mt 10, 40.

mesmo e isto é graça e perdão! Sem esta graça a ordem de Jesus seria coação, lei, e o seu cumprimento seria obra. A graça antecipada caracteriza a ordem de Cristo, bem como a obediência de Saulo.

Vs. 7-9: Saulo viajava acompanhado. Estes companheiros são mencionados apenas agora por serem indispensáveis para o prosseguimento da narração: alguém deve conduzir o cego à cidade. Somente por esta razão eles são mencionados, pois o autor não está de maneira alguma interessado no testemunho destes da conversão de Saulo. Se isso fosse o caso, Lucas certamente não teria ignorado a contradição entre At 9, 7 e At 22, 9. Em nosso texto os acompanhantes nada viram, mas ouviram a voz e na variante eles viram a luz, mas nada ouviram (8). Lucas não está interessado em testemunhas descomprometidas e objetivas, pois a graça não é um espetáculo, nem tolera espectadores. Ela é um evento entre Cristo e Saulo.

O 'condottiere' passa a ser conduzido pela mão!! Alquebrado ele é levado a Damasco. A força de outrora é agora fraqueza por causa de Cristo e a fraqueza e debilidade do cego é força de Cristo (9). Pode ser que muitos aspectos deste relato sejam lendários. Em seu testemunho teológico, porém, ele não diz outra coisa do que o próprio Paulo em Fl 3, 4s., por exemplo. Em forma de narração o presente relato ilustra: 1. Paulo reconhece: "A altitude em que eu estava é profundeza; a segurança em que vivia é perdição e a clareza que eu tinha é escuridão" (10). A justiça de Deus desmascara toda a força e sabedoria humana. 2. O próprio Cristo foi quem arrebatou Saulo com sua graça.

Segunda cena

Vs. 10a: A comunidade cristã é apresentada na pessoa do cristão Ananias residente em Damasco, isto é, como vítima em potencial da perseguição planejada.

Vs. 10b-16: Cristo chama sua comunidade pelo nome: Ananias! Numa audição este recebe do Senhor a ordem de procurar a Saulo para impor-lhe as mãos. O que Cristo lhe ordena não é nada mais, nem nada menos do que o prolongamento de seu agir gracioso para dentro da sua comunidade. A aceitação por Cristo sucede a aceitação pela comunidade. Assim como Cristo confere graça sem esperar pelo 'pequê' do perseguidor, assim a comunidade é chamada ao agir gracioso antecipado, incondicional! Com palavras de Romanos 12, 14: "Abençoai aos que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoais."

Uma tal atitude da comunidade não é óbvia, nem para Ananias, nem para nós. Isto podemos depreender da reação de Ana-

(8) Uma outra possibilidade de interpretar esta contradição é a de pressupormos que Lucas a tivesse feita propositalmente para desacreditar o testemunho dos acompanhantes.

(9) Cf. 1 Co 1, 26-2, 5.

(10) Karl Barth, citado por G. Bornkamm, *Paulus*, pág. 40 ("Tiefe ist die Höhe, auf der ich stand, Verlorenheit die Sicherheit, in der ich lebte, Finsternis die Klarheit, die ich hatte").

nias. Sua resposta revela a humanidade adâmica também da comunidade: Ela está condicionada pelas experiências do passado e pelo medo do futuro! E, por isto, ela é reacionária, isto é, ela somente sabe reagir determinada pelas experiências do passado e pelo medo do futuro ameaçador. Por si ela não é capaz de agir, de criar novidade de vida.

A resposta de Ananias revela-nos também um aspecto interessante da vida de uma comunidade perseguida de então: Ela estava bem informada a respeito da periculosidade de seus perseguidores e tinha seus informantes que lhe revelavam a hora e área da próxima batida dos perseguidores. Estas informações, a meu ver, também espelham mais a realidade na época do narrador do que a de Saulo, pois o desenvolvimento de mecanismos de defesa contra perseguições pressupõe por um lado anos de convivência com elas e por outro lado uma constante ameaça de perseguição que obrigasse os cristãos a estar em prontidão. A fúria das perseguições e investidas contra a cristandade era abrandada por estas informações que possibilitavam às vítimas em potencial o desaparecimento.

O Senhor, porém, não permite que sua comunidade seja determinada por sua natureza adâmica. Ele coloca-a novamente sob o seu senhorio, repetindo a ordem! Também esta ordem implica em graça, pois Cristo liberta a comunidade do passado e do futuro ameaçador e dá nova força para segui-lo. Ambas as vezes a ordem tem caráter argumentativo. Ele não quer obediência cega e por isto inteira o discípulo dos seus planos com Saulo.

Vs. 17-19a: Ananias vai, impõe as mãos sobre Saulo, trata-o de irmão e se identifica como enviado do Senhor, não escondendo a fonte de seu agir. Saulo é curado instantaneamente, recebe o batismo e depois encerra o jejum alimentando-se. A comunidade apressa-se em seguir ao seu Senhor no seu agir gracioso: Para impor as mãos ela abre o punho e assim concede nova visão. O tratamento de 'irmão' é o novo relacionamento não mais vinculado às experiências do passado, desinteressado em revolver o passado pecaminoso. Este novo relacionamento implica na inclusão de Saulo na comunidade e por isto ele é batizado a seguir (11). Saulo, que antes estivera cheio de ameaças de morte, está agora cheio do Espírito Santo.

A narração encerra relatando a interrupção do jejum. Este marcara o interim da segunda cena. Nela a pergunta pelo futuro de Saulo é respondida — ao menos para o leitor — e por isto jejuar não tem mais sentido, visto que Deus envia Saulo ao trabalho missionário. Para este são necessárias novas forças e por isto Saulo alimenta-se.

(11) É interessante observarmos que Lucas não vê no batismo imediato de Saulo nenhum problema. Isto mostra que em seu tempo ainda não se conhecia a instituição do catecumenato que se institucionalizaria posteriormente. Aqui o batismo marca pura e simplesmente a inclusão na comunidade. Por isto é desacertado pressupor um catecumenato relâmpago como G. Stählin o faz em NTD 5, pág. 138.

(12) O verbo empneô no vs. 1 provém da mesma radical de pneuma no vs. 17.

2.2.2. Intenção do texto

Queremos perguntar agora pela intenção querigmática do texto. Qual a sua mensagem aos ouvintes de outrora? Se for acertada a nossa interpretação de que o texto deixa transparecer aspectos da situação do narrador como sendo marcadas por perseguições (estatais?) e se lembrarmos-nos que a narração foi contada à comunidade, isto é, não a Saulos em potencial, mas para gente como Ananias, então o peso da intenção, da mensagem deve concentrar-se justamente em Ananias, na segunda cena (13).

At 9, 1-19a dirige-se a uma comunidade amedrontada, exposta aos perigos duma perseguição, chamando-a à atitude correspondente ao Evangelho. O medo havia levado a comunidade a cerrar suas portas e à luz da história de Saulo o narrador batalha pela abertura incondicional para os seus perseguidores, pela atitude graciosa em relação a eles, pois apenas esta corresponde ao agir de Cristo e é obediência a ele.

A tradição exegética sempre interpretou esta perícopos colocando todo peso na primeira cena. Estamos tão acostumados a ela que a presente colocação causa estranheza. Não é no entanto nossa intenção anular o que outros disseram sobre a primeira cena. Nossa tese é apenas que na perícopos, quando isolada do contexto maior do livro de Atos, a atitude de Ananias é paradigmática e não a de Saulo. Em outras palavras, a conversão de Saulo está em função da 'conversão' da comunidade ao perseguidor.

3. A atualidade na perspectiva do contexto

Nós não estamos na iminência de uma perseguição. Mas há em nosso subcontinente, como em outras partes do mundo, quem reflita a perseguição econômica do proletariado. Libertação é o termo-chave da reflexão e coração da ação. Também cristãos estão engajados neste processo e o presente texto, talvez, nos auxilie a compreender um aspecto da ação libertadora orientada na fé. O conflito entre opressores e oprimidos pode mui facilmente levar os últimos a um enclausuramento. É compreensível que alguém 'se feche' para seu adversário, mas não é atitude de fé. Nesta perícopos Cristo chama os oprimidos à abertura graciosa para seus opressores. Somente continuando o agir gracioso de Cristo a comunidade pode sair da espiral de reação e vingança. Somente ouvindo o chamado de Cristo a comunidade é apta a um agir novo e libertador.

O chamado de Cristo também mexe com a realidade de nossas comunidades acomodadas. Qual é a nossa atitude frente aos inimigos da fé? Aceitá-los-emos incondicionalmente? Não é assim que, antes de emprendermos coisa alguma, queremos satisfazer-nos com o seu 'pequei'. Existe um tipo de edificação, não apenas em círculos piedosos, que se compraz revolvendo os pecados dos outros.

(13) Isto por sua vez está em conformidade com nossa observação estatística no início (2.2).

Isto não é nossa missão, mas é autojustificação e desobediência ao Senhor que nos envia para fazer algo novo, independente do passado, tanto do nosso como dos outros! Ou será que já nos enclausuramos a tal ponto que não mais ouvimos a voz que chama 'Ananias!' A comunidade ouviu sua voz e aceita a quem o Senhor aceitou primeiro.